

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : Veja

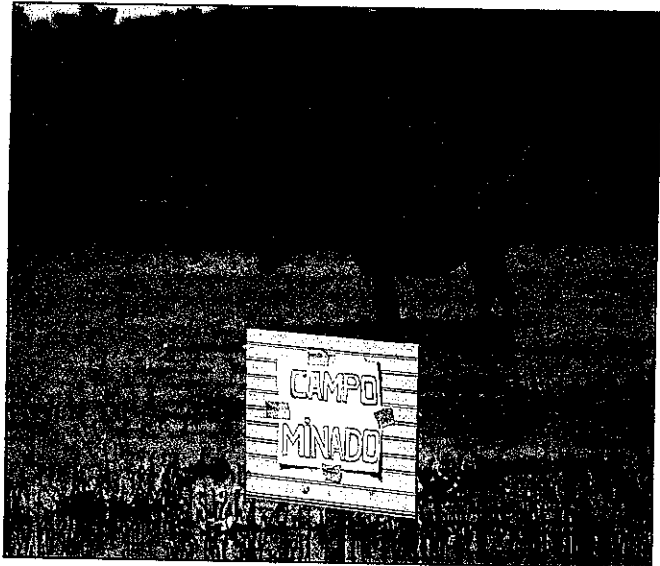
CLASS. : Pantanal

DATA : 18 10 89

PG. : 76 09



Tanques em operação militar no Pantanal: jogos de guerra



Aviso de mina num pasto de Mato Grosso: fantasia

ECOLOGIA

Uma defesa verde-oliva

Exercício de guerra em Mato Grosso do Sul gera polêmica entre militares e ecologistas

As balas de festim utilizadas nas manobras militares no Pantanal Mato-Grossense na semana passada permitiram um treinamento de guerra fictícia sem baixas. Entretanto, as mesmas balas acertaram em cheio um alvo real: os ecologistas, contrários a esse tipo de operação naquele local. Encravado nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, o Pantanal é uma área de 140 000 quilômetros quadrados que abriga um santuário ecológico de tamanho equivalente aos de Hungria e Dinamarca somados. É certo que os militares precisam fazer treinamentos, mas a colocação de 8 500 homens em combate no coração do Pantanal foi uma falta de estratégia ecológica. A região abriga cerca de 600 famílias de pássaros, entre os quais estão o tuiuiú, a garça, o colhereiro e a arara-azul — animal tido em extinção. O ruído de bombas capazes de destruir qualquer coisa que estivesse num raio de 300 metros fez calar o canto das aves. Ao ouvir os disparos, os pássaros abandonam seus viveiros. Se os ovos caem, os filhotes são devorados por outros animais terrestres. Se ficam abandonados no ninho, predadores como os gaviões tratam de exterminá-los.

A invasão verde-oliva na mata fe-

riu as espécies do Pantanal num ponto crucial: o ciclo reprodutor dos animais. “Muitos pássaros morrem porque, quando ficam assustados, voam em qualquer direção e batem nas árvores”, diz a bióloga Gislaíne Vilazante, presidente da Associação dos Biólogos de Mato Grosso do Sul. Quando o ministro do Exército, o general Leônidas Pires, anunciou que deflagraria a operação militar, chamada Guavira, no coração do Pantanal, em junho passado, já havia cometido um erro estratégico. Era o Dia Nacional do

Meio Ambiente, e os ecologistas, na época, prometeram uma ampla mobilização, que incluiria a participação de grupos ambientalistas internacionais. O alarde dos ecologistas, contudo, também não passou de uma guerra fictícia: na semana passada, apenas uma manifestação de trinta pessoas no centro de Campo Grande repudiou a ação militar.

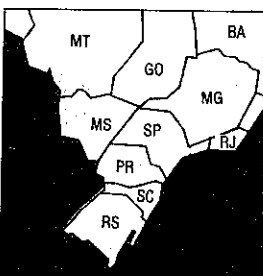
SEM AUTORIZAÇÃO — Nem mesmo o candidato à Presidência da República pelo Partido Verde, Fernando Gabeira, compareceu. A condição do candidato para ir até lá era a de que a imprensa o esperasse no aeroporto para registrar sua combatividade: não foi. “O Pantanal é uma área de preservação nacional protegida pela Constituição. Ele não pode ser utilizado para manobras militares”, diz Carlos Minc, deputado estadual do Partido Verde. A Secretária do Meio

Ambiente de Mato Grosso do Sul e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, órgãos responsáveis pela autorização das manobras na área, não foram consultados. Os oito municípios de Mato Grosso do Sul que receberam homens da Marinha, do Exército e da Aeronáutica para o jogo de guerra abrigaram 100 aviões, cinquenta tanques, doze canhões e 2 000 tiros de fuzis e metralhadoras. “É ridículo gastar milhares de cruzados novos para imaginar a possibilidade de a Bolívia invadir o Brasil”, diz Alcides Farias, presidente do grupo Ecologia e Ação, que congrega professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. De fato, a probabilidade de a Bolívia atacar o Brasil é a mesma de a Terra ser invadida por marcianos.



Manobras no Pantanal

A Operação Guavira mobilizou 8 500 homens, 12 canhões e 50 tanques de guerra. Ao lado, as bases militares no Mato Grosso do Sul



TORTELIMACEDO